

**Yuval Noah Harari**

**Notas  
sobre a  
PANDEMI**

**E BREVES LIÇÕES PARA  
O MUNDO PÓS-CORONAVÍRUS**

Tradução  
Odorico Leal



COMPANHIA DAS LETRAS

# Prefácio

Esta não é uma história da pandemia da covid-19 e da crise do coronavírus. Haverá tempo suficiente no futuro para escrever essa história. Agora não é o momento de escrevê-la, mas de fazê-la. Os artigos incluídos neste livreto foram escritos durante o primeiro pico da crise, em março e abril de 2020, quando o vírus começava a se espalhar pelo globo, quando governos e cidadãos tentavam dimensionar a situação, e quando alguns políticos preferiram se retirar para uma ilha da fantasia, alegando que a covid-19 não passava de fake news.

Alguns dos detalhes mencionados nestes artigos já foram superados pelos eventos, mas acredito que as mensagens essenciais só se tornaram ainda mais relevantes. Hoje, de modo ainda mais agudo do que em março de 2020, estamos cientes da necessidade da cooperação internacional, da falta abissal de lideranças globais, do risco representado por demagogos e ditadores e do perigo das tecnologias de vigilância.

Como historiador, não posso oferecer aconselhamento médico, nem prever o futuro. O que posso oferecer é um pouco de perspectiva histórica. Epidemias desempenharam um papel central na história humana desde a Revolução Agrícola e frequentemente deflagaram crises políticas e econômicas. Como em pandemias anteriores, também em relação à covid-19 a coisa mais importante a lembrar é que os vírus não moldam a história. Os humanos, sim. Somos muito mais poderosos do que os vírus, e cabe a nós decidir como responderemos ao desafio. O aspecto do mundo depois da covid-19 depende das decisões que tomarmos hoje.

O maior risco que enfrentamos não é o vírus, mas os demônios interiores da humanidade: o ódio, a ganância e a ignorância. Podemos reagir à crise propagando ódio: por exemplo, culpando estrangeiros e

minorias pela pandemia. Podemos reagir à crise estimulando a ganância: por exemplo, explorando a oportunidade para aumentar os lucros, como fazem as grandes corporações. E podemos reagir à crise disseminando ignorância: por exemplo, espalhando e acreditando em ridículas teorias da conspiração. Se assim reagirmos, será muito mais difícil lidar com a crise atual, e o mundo pós-covid-19 será um mundo desunido, violento e pobre.

Mas não há necessidade de reagir propagando ódio, ganância e ignorância. Podemos reagir gerando compaixão, generosidade e sabedoria. Podemos optar por acreditar na ciência, e não em teorias conspiratórias. Podemos optar por cooperar com os outros em vez de culpá-los pela epidemia. Podemos optar por compartilhar o que temos em vez de apenas acumular mais para nós mesmos. Reagindo assim, de forma positiva, será muito mais fácil lidar com a crise, e o mundo pós-covid-19 será muito mais harmonioso e próspero.

Espero que possamos tomar decisões sábias e compassivas nos meses por vir e que, a partir dessa crise, possamos criar um mundo melhor.

Yuval Noah Harari, julho de 2020

*O autor abriu mão dos direitos autorais deste livro para que a editora possa doar parte do resultado das vendas para a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que ajuda as vítimas da covid-19.*

**Na batalha contra o  
coronavírus,  
faltam líderes à  
humanidade**

Muitas pessoas culpam a globalização pela epidemia do coronavírus e afirmam que o único jeito de evitar novos surtos dessa natureza é desglobalizar o mundo. Construir muros, restringir viagens, reduzir o comércio. Contudo, embora uma quarentena temporária seja essencial para deter epidemias, o isolacionismo prolongado conduzirá ao colapso econômico sem oferecer nenhuma proteção real contra doenças infecciosas. Muito pelo contrário. O verdadeiro antídoto para epidemias não é a segregação, mas a cooperação.

Epidemias matavam milhões de pessoas bem antes da atual era da globalização. No século XIV, não havia aviões nem cruzeiros, e no entanto a peste negra disseminou-se da Ásia Oriental à Europa Ocidental em pouco mais de uma década. Matou entre 75 milhões e 200 milhões de pessoas — mais de um quarto da população da Eurásia. Na Inglaterra, quatro em cada dez pessoas morreram. A cidade de Florença perdeu 50 mil de seus 100 mil habitantes.

Em março de 1520, um único hospedeiro da varíola — Francisco de Eguía — desembarcou no México. Na época, a América Central não tinha trens, ônibus, nem mesmo jumentos. No entanto, por volta de dezembro uma epidemia de varíola já devastava a América Central inteira, matando, de acordo com algumas estimativas, quase um terço de sua população.

Em 1918, uma cepa de gripe particularmente virulenta conseguiu se propagar em alguns meses pelos cantos mais remotos do planeta. Infectou meio bilhão de indivíduos — mais de um quarto da espécie humana. Estima-se que a gripe tenha matado 5% da população da Índia. No Taiti, 14% dos ilhéus morreram. Em Samoa, 20%. Ao todo, a pandemia matou dezenas de milhões de pessoas — chegando talvez a 100 milhões — em menos de um ano. Foi mais do que se matou em quatro anos de batalhas brutais na Primeira Guerra Mundial.

hospedar trilhões de partículas virais que se replicam o tempo todo, cada pessoa infectada oferta ao vírus trilhões de novas oportunidades para se adaptar melhor aos humanos. Cada hospedeiro humano é como uma máquina de apostas que dá ao vírus trilhões de bilhetes de loteria — e, para prosperar, o vírus só precisa de um único bilhete premiado.

Não se trata de mera especulação. O livro *Crisis in the Red Zone*, de Richard Preston, descreve exatamente essa cadeia de eventos no surto de ebola de 2014. Tudo começou quando alguns vírus saltaram de um morcego para um humano. Esses vírus adoeceram gravemente as pessoas, mas ainda eram mais aptos a viver dentro de morcegos do que no corpo humano. O que fez com que o ebola passasse de uma doença relativamente rara para uma epidemia devastadora foi uma única mutação em um único gene de um único vírus que infectou um único ser humano, em alguma parte da região de Makona, na África Ocidental. A mutação permitiu a essa cepa do ebola — chamada de cepa Makona — conectar-se aos transportadores de colesterol das células humanas. No lugar do colesterol, os transportadores agora levavam o ebola para dentro das células. A nova cepa era quatro vezes mais infecciosa nos humanos.

Enquanto você lê estas linhas, talvez uma mutação semelhante esteja acontecendo em um único gene no coronavírus que infectou alguma pessoa em Teerã, Milão ou Wuhan. Se for o caso, trata-se de uma ameaça direta não apenas aos iranianos, italianos ou chineses, mas também à sua vida. O mundo todo compartilha um interesse crucial em não dar esse tipo de oportunidade ao coronavírus. E isso significa que devemos proteger todas as pessoas em todos os países.

Nos anos 1970, a humanidade conseguiu derrotar o vírus da varíola porque todas as pessoas em todos os países se vacinaram. Bastava que um único país não vacinasse sua população para que a humanidade inteira ficasse exposta ao perigo, pois, enquanto o vírus da varíola existisse e evoluísse em algum lugar do mundo, sempre poderia voltar a propagar-se *por toda parte*.

# O mundo depois do coronavírus

*Esta tempestade passará.  
Mas as escolhas que faremos agora poderão mudar  
nossas vidas por muitos anos.*